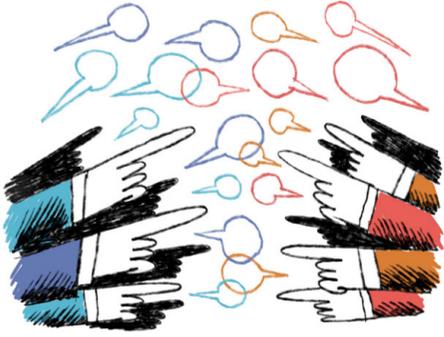


NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Autoritarismo e corrupção são naturalizados no pleito

Por suas convicções, declarações e atitudes, o presidente Jair Bolsonaro (PL) é considerado pela oposição uma ameaça à democracia no Brasil. Sua visão de mundo, a compreensão sobre o papel do Estado na vida nacional, seus métodos de atuação, tudo corrobora o seu perfil político autoritário. Em decorrência disso, e da postura negacionista e da falta de empatia com as vítimas da pandemia de covid-19, disseminou-se uma grande rejeição na opinião pública à sua reeleição, que se reflete nas pesquisas.

Em contrapartida, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) aparecia como franco favorito nas pesquisas eleitorais, gerando grande expectativa de poder, uma vez que já não estava preso e suas condenações foram anuladas pelo Supremo Tribunal Federal (STF). Diante de um cenário de 660 mil mortos, 11 milhões de desempregados, alta da inflação e estagnação econômica, a volta de Lula ao poder parecia apenas uma questão de tempo e não, como seria necessário ser, de uma estratégia bem-sucedida para consolidar o isolamento de Bolsonaro.

O presidente parecia fadado a ser enxotado do poder pelo eleitor. Com fim da pandemia, a situação mudou completamente. A principal preocupação da população já não é com a saúde. Passou a ser com a economia, cujos problemas relacionados acima estão sendo mitigados pelo governo. O programa de transferência de renda Auxílio Brasil substituiu o Bolsa Família, uma herança do governo Lula. Outras medidas estão sendo adotadas, como mudanças na tabela do imposto de renda, subsídios para o gás de cozinha, adiantamento de 13º salário, liberação do fundo de garantia etc.

O governo opera de forma aberta em favor da reeleição. Bolsonaro exibe a competitividade que parecia perdida e reduz a distância em relação a Lula nas pesquisas. Como são muito conhecidos, esses votos estão sendo consolidados antes da campanha eleitoral de rádio e tevê. Isso ocorre em meio a um choque de narrativas, em quatro chaves: 1) as condições de vida da população durante os governos Lula e Bolsonaro; 2) a disjuntiva democracia x corrupção; 3) a mudança dos costumes, ou seja, as chamadas pautas identitárias; e 4) o tema do desenvolvimento, tendo como eixo a globalização e a questão ambiental.

FALTA UMA CANDIDATURA ROBUSTA QUE POSSA CUMPRIR ESSE PAPEL DE PAUTAR O FUTURO NO DEBATE ELEITORAL E OFERECER UMA ALTERNATIVA NOVA PARA O PAÍS

Voto útil

A primeira chave tem uma base muito objetiva. Para o cidadão comum, as perguntas são: está empregado ou não, consegue serviço ou não, recebe ajuda do governo ou não, dá para pagar as contas, comprar a comida e chegar ao fim do mês com a dinheiro da passagem? O que ameaça Bolsonaro e favorece Lula nesse quesito é a inflação, que está fora do controle. O peso da economia nas eleições costuma ser fundamental, embora possa ser decidida em razão de outros fatores.

Do ponto de vista institucional, porém, a segunda chave é mais preocupante. Não é somente a corrupção na política que está sendo naturalizada com a liquidação da Lava-Jato e anulação de processos e condenações, entre os quais os de Lula. Diga-se de passagem, a aliança de Bolsonaro com o Centrão está tendo um papel determinante para isso, inclusive para livrar o governo de investigações sobre seus escândalos.

Também está havendo, em contrapartida, a naturalização do autoritarismo de Bolsonaro, cujo projeto de reeleição embute propósitos já bastante conhecidos, como subjugar o Judiciário, verticalizar o poder do Executivo e transformar a democracia brasileira num regime "iliberal". Setores que haviam se afastado do governo, com a desistência de Sérgio Moro e a crise instalada na chamada terceira via, na qual os partidos se digladiam internamente — a começar pelo PSDB —, estão começando a tratar o autoritarismo de Bolsonaro como um mal menor, diante da volta de Lula ao poder.

O debate sobre a agenda dos costumes, a terceira chave, consolida a polarização esquerda x direita, num ambiente social em que o conservadorismo vem levando a melhor. O tema do desenvolvimento, no eixo da globalização e da questão ambiental, que seria o verdadeiro debate sobre o futuro do país, está sendo tratado de forma subalterna, quando Lula e Bolsonaro se reverenciam nas ações e realizações de seus respectivos governos, que já fazem parte do passado.

Falta uma candidatura robusta que possa cumprir esse papel de pautar o futuro no debate eleitoral e, assim, oferecer uma alternativa nova para o país. Essa possibilidade está cada vez mais difícil, a ideia de uma candidatura única dos partidos de centro corre contra o tempo. As pesquisas estão dando sinais de que o "voto útil" no primeiro turno pode abduzir a candidatura da terceira via.

ELEIÇÕES / Presidente quer discutir acordo firmado entre aplicativo e TSE para postergar recurso que amplia alcance de mensagens

WhatsApp sob pressão

» DEBORAH HANA CARDOSO

O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou ontem que vai procurar representantes do WhatsApp no Brasil para discutir o acordo firmado entre o aplicativo e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que determina que as novas funcionalidades do aplicativo só serão implementadas no país após o segundo turno das eleições deste ano.

A novidade é o recurso "comunidades", que possibilitará grupos de milhares de pessoas na plataforma — atualmente, os grupos de WhatsApp podem ter

no máximo 256 integrantes. O recurso vai estar disponível em forma de teste para alguns usuários nos próximos meses.

"Já conversei com o Fábio Faria (ministro das Comunicações). Ele vai conversar com representante do WhatsApp aqui no Brasil para explicar (o acordo). Se ele (WhatsApp) pode fazer um acordo com o TSE, pode fazer comigo também, por que não?", disse Bolsonaro em entrevista à *CNN Brasil*. "Agora, (por que) apenas para o Brasil o disparo em grupo poderá ser realizado depois das eleições? Ah, depois das eleições não vai ter mais fake news?", questionou o presidente.

A preocupação da corte eleitoral, segundo Rubens Beçak, professor de direito eleitoral da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), é um desequilíbrio em meio a um processo eleitoral em curso. Por isso, segundo ele, a antecipação. "A manifestação de antemão do TSE é natural diante dos avanços tecnológicos. Vão criar grupos grandes e logo, criando um desequilíbrio. Não é algo específico para Bolsonaro. A preocupação é manter a equivalência partidária entre os candidatos, já que há um processo eleitoral em curso", explicou.

Segundo Marcus Vinicius Barbosa, especialista em direito público e novas tecnologias do escritório Lima Feigelson Advogados, a corte eleitoral quer que as plataformas dificultem a disseminação de desinformação em massa em suas políticas de uso. "Essa conversa entre as plataformas e o TSE se intensificou durante a gestão do ministro (Luís Roberto) Barroso à frente do tribunal. No que diz respeito às eleições, se essas plataformas podem interferir no processo eleitoral, então o TSE pode interferir por meio de imposições normativas, regulando", explicou.

**73 a 170 m²
DE CONFORTO
E VISTA LIVRE**

**307 Noroeste
2 e 3 Qtos
Cob. Duplex**



Perspectiva do living - apto 2 quartos

RESIDENCIAL NÍVIO GONÇALVES

ENTREGA JUN/23	2 QUARTOS	3 QUARTOS	COB. DUPLEX
VISITE O APTº DECORADO	73 a 84 m ² 1 suíte Até 2 vagas de garagem	115 m ² 1 suíte Até 2 vagas de garagem	148 a 170 m ² 1 suíte 2 vagas de garagem
QUALIDADES		VANTAGENS	
2 salões de festas Piscina com raia de 12 m Academia Brinquedoteca		Plantas flexíveis Lazer na cobertura e no pilotis Facilidade de negociação	



ACESSE E SAIBA MAIS

Paulo Octavio

3326.2222

www.paulooctavio.com.br

VISITE NOSSAS
CENTRAIS DE VENDAS

208/209 NORTE
(Eixinho, ao lado do McDonald's)

NOROESTE
(CLNW 2/3)

GUARÁ II
(QI 33 Lote 2)